

LLANSOL E A POTÊNCIA DA ALEGRIA

LLANSOL AND THE POTENCY OF JOY

Luis Maffei¹

RESUMO

A obra de Maria Gabriela Llansol, em sua singularidade, é um investimento na alegria: polifônica, se abre a diversas outras vozes, sendo a de Baruch Spinoza a que mais claramente formula o júbilo. Além disso, Llansol constrói uma experiência de liberdade que, na escrita, visita os silêncios, quase musicalmente, e elabora uma verdade de caráter libertador: é aí que a escritura llansoliana nos ajuda a ir contra opressões muito contemporâneas, como uma verborragia que nada diz e o enfraquecimento da possibilidade de verdade, uma verdade que funcione, não como ideia, mas como liga das relações humanas. Ao procurar uma verdade sem Uno, Llansol busca um tipo de narrativa que supere a violência de Iavé, aproximando-se de algum éthos dos Evangelhos e de um feminino fundador, além de uma intensa lida com o tempo, que o afasta de Cronos. A escrita llansoliana, entre a segurança, ou o equilíbrio, e a insegurança, ou o desequilíbrio, é contentamento no encontro do diverso, logo na aventura de uma alteridade sempre em expansão.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Gabriela Llansol. Alegria. Verdade. Tempo. Silêncio.

ABSTRACT

The work of Maria Gabriela Llansol, very unique, is as investment in joy: polyphonic, it opens itself to many other voices, including Baruch Spinoza, the closer to happiness. Besides, Llansol builds an experience of liberty, in writing, that visits silences, almost like music, and elaborates a liberating kind of true: in this place, Llansol helps us to confront oppressions contemporaries, like a verbiage that says nothing and a weakening of possibilities

of trues, a true that works, not as an idea, but as an alliance in human relationships. Searching a true without the One, Llansol pursues a kind of narrative distant of Yahweh's violence, getting closer to some ethos evangelical and to a feminine foundation, beside an intense nexus with a time far from Chronos. Llansolian writing, between security, or balance, and insecurity, or unbalance, is joy in meeting of diverse, therefore in an adventure of an otherness always in expansion.

KEYWORDS: Maria Gabriela Llansol. Joy. True. Time. Silence.

Há um contentamento primeiro no ler Maria Gabriela Llansol, sinfônico, talvez polifônico, aberto, coletivo. Agenciador, diria Deleuze. Muito novo, sempre novo, e não apenas quando surgiu, já há bastante tempo. Roberto Esposito tem um estudo magnífico que começa no conceito de “teologia política” para pensar o ocidental dispositivo de “pessoa”, na precisa junção entre subjetividade e sujeição. Segundo Esposito, são três os pensadores ocidentais que conseguiram se pôr à margem desse dispositivo, três filósofos malditos, um queimado “na obra”, Averróis, outro no próprio “corpo”, Giordano Bruno, o terceiro “na imagem” (2019, p. 202), Spinoza. O filósofo moderno que quase nasceu em Portugal associou Deus a Natureza, gesto de panteísmo muito perigoso, numa sentença que até hoje incomoda. Segundo Esposito, em Spinoza,

Deus, subtraído a toda qualificação pessoal, torna-se simplesmente a estrutura racional do real, a ordem necessária que conecta seus modos em um sistema de causas em que tudo aquilo que existe encontra sua expressão acabada. (...) O que também é excluído é a intervenção direta de Deus no mundo – tornada impossível não por uma carência, mas pela plenitude de sua potência (2019, p. 205).

O encontro inesperado de Spinoza com Llansol já foi comentado por muita gente, e certamente eu não diria nada novo se mergulhasse nele. Mas meu contentamento sinfônico com Llansol, com Spinoza, com a maldição que toca a ela e ele, me joga para essa convergência. Vejo nela, antes de tudo, abertura acentuada a outras vozes, a alteridades, pois Spinoza é um pensador capaz de afirmar que, “quanto mais o Corpo é apto a ser afetado de muitos modos, e a modificar de muitos modos os corpos externos, tanto mais a Mente é apta a pensar” (Apud Esposito, 2019, p. 211). Ao pensador interessa o cultivo do que aumenta nossa potência de ser, entendendo que não podemos abrir mão das paixões – ao contrário, neutralizar as paixões é meio caminho andado para reduzir a potência. Por isso, não faz qualquer sentido para o filósofo holandês separar a alma do corpo, pois Spinoza não é Descartes. Abertura, então, será uma das palavras-chave spinozistas, abertura para um corpo-mente, ou uma mente sempre interessada no que extrapola a “pessoa” como dispositivo.

Essa mesma ultrapassagem orienta a polifonia llansoliana. As figuras, as alteridades, as conversas que a autora propõe por si só impedem que haja uma voz cheia de autoridade no texto, um gênero de tipo limitante ou um eu excessivamente demarcado. Em tese, é justamente o eu, seja em qual escrita de si se apresente, que a forma do diário privilegia. Mas em Llansol não: o que importa é o tempo, a passagem dos dias e a passagem de dons entre as figuras, Llansol inclusive, que se dão (umas às outras) nesse tempo. Impressiona-me a entrada de 3 de fevereiro de 1976 em *Finita*, o Diário II, que começa evocando Hadewijch, a beguina, mística, poeta. “*Hadewijch em si*” escreve(-se):

Sou com tempo, o que fora dele sou, aqui dada ao prazer
do amado
de amar. Sua paixão e meu lugar, vivo
para que Ele saiba que a minha existência nada acrescenta à
sua
excepto que sabê-lo é o nada que assim lhe ofereço.
No meu corpo, poderás ser Homem. (2011b, p. 83)

Esclareço que, neste texto, visitarei fragmentos da obra de Llansol sem me deter nos mundos que cada livro representa, recolhendo alguns fulgores espalhados pelo universo llansoliano. No fragmento citado, o fulgor é estar, ou melhor, ser, “com tempo” e “fora dele”, num ir e vir que muito pouco tem de cronológico, muito de kairótico – mesmo as datas que os diários indicam são modos de estar no tempo, inscrições, construções de uma história que se move por *punti luminosi*. Há vocábulos no fragmento que citei que conjuram a alegria, convocam-na – produzem-na: “prazer”, “amado”, “amar”, “paixão”, “vivo”, “corpo”. E “nada”. Mais adiante, no mesmo dia, vemos:

(...) Vejo assim
que o amor
é a causa que tudo ex-tasia, e ser outra que sou
permanecendo a mesma, em mim que não vejo, mas
me vê
metamorfoseada d’Ele nisto, isto em mim é *eu* que lhe ofereço
efeito e tempo. (2011b, p. 83)

Intuo fortemente que a obra de Maria Gabriela Llansol é maldita como a dos três filósofos citados por Esposito, e essa maldição tem a ver com radical insubmissão. Uma escritura como a da autora de *Um falcão no punho* não é ateísta, mas pode ser herética na sua deslocação dos limites doutrinários. O amor por “Ele” é, se não panteísta, pluriteísta, pois é claro que existe um rastro de Deus aí, mas também existe o amado humano e um “amar” que não se esgota no humano: *Deus sive Natura, Deus sive Amore*. Se o corpo amante é onde Ele poderá ser “Homem”, é de um amor cheio de corpo que se fala, pois “o amor/ é a causa que tudo ex-tasia”, ou seja, desloca um prazer que ameaça mesmo as balizas do eu. Então, a metamorfose, não a mera transformação em outra coisa, mas a constante transformação das

coisas em outras e ainda noutras. Por isso o tempo, maestro da mudança e do desejo, não pode equivaler apenas a Cronos numa obra assim – Camões já terá escrito, em certo soneto álcere: “Nũ’hora acho mil anos, e é de jeito/ Que em mil anos não posso achar hũ’hora” (2005, p. 118).

Eu disse que, no penúltimo fragmento citado, diversas palavras dizem da alegria, fazendo-a, e uma delas é “nada”: é o “nada que assim lhe ofereço”. Cito desde antes: “Ele sabia que a minha existência nada acrescenta à sua/ excepto que sabê-lo é o nada que assim lhe ofereço”. Há mais de um alicerce abalado aqui. Antes de tudo, a noção clássica de que o desejo é (apenas) um estado de falta, revista por Deleuze e Guattari no célebre *O anti-Édipo*. Se nada falta, nada se oferece, “o nada”, um nada. Isso não empana a potência, não apenas da alegria, mas do desejo, pois o desejo produz-se e produz mundos, e não apenas se encarrega de compensações ou preenchimentos. Logo, o amor e o prazer são-se, sendo ofertas de nada, e também nos são, permitindo-nos ser-nos e sê-los. Ficou truncado, escrevo outra vez: o amor e o prazer existem enquanto tais, não oferecem nada que não seja amor e prazer; assim, eles podem ser o que somos, e podemos vir a ser o que eles são.

Outro alicerce abalado é o que orienta algumas das múltiplas associações entre oferta e o que se oferta. Quando oferecemos algo a divindades, não há grande valor intrínseco no que oferecemos, mas existe uma imensa significação. O que está em jogo é a oferta enquanto tal, não o oferecido, cujo valor de uso é quase nenhum e cujo valor de troca, nenhum: é um dispêndio, por um lado, e, por outro, um gesto, um ritual. Se os valores de uso e troca são estiolados pelo nada da grande oferta, é a metamorfose do outro em mim que me permite oferecer-lhe o inoferecível, “efeito e tempo”, num êxtase que se arremessa para muitos foras, que serão lugares de múltiplo encontro com os corpos e o pensamento. Com efeito, “quanto mais o Corpo é apto a ser afetado de muitos modos, e a modificar de muitos modos os corpos externos, tanto mais a Mente é apta a pensar.”

Por isso, “No meu corpo, poderás ser Homem”. Em primeiro lugar, ser amor, pois Deus, na tradição judaico-cristã, só se tornou amor puro quando se fez homem: Jesus, uma das grandes revoluções do monoteísmo, é abertura de inúmeras portas, mesmo para a possibilidade de encontro entre transcendência e amor. Também a mera masculinidade não se firma como lugar seguro, muito menos tutelar, pois só se é homem num corpo que não é de homem. Então, o sexo masculino tem de passar pelo esgotamento de si e desabar numa metamorfose criativa e recriativa; além disso, se o Homem do texto recorda Jesus, a figura sagrada precisa se curvar diante da humana para alcançar a condição de sagrado amoroso e, ao mesmo tempo, mortal.

Uma das primeiras conclusões a que chego, precocemente, mas sem medo, é que a alegria se revela como a única possibilidade da experiência livre. Claro: “O ódio vinha de antes. Manifestação larvar de/ Impotência (...)”, como se lê no poema 25 de *O começo de um livro é precioso*.

Quero associar, na obra de Maria Gabriela Llansol, amor a alegria, e ambos a criação – o poema 15 termina dizendo que “A carta de amor que nos foi enviada pelo/ Big-bang continuará indecifrável” (OCLP,25).² Sim, “indecifrável”, mas “carta”, coisa legível, no mínimo receptível, acolhível. Escrevi arriscadamente de Jesus, inspirado pela afinidade de Llansol com vozes do cristianismo medieval. Sem Jesus, antes do desvio magnífico empreendido pelo filho de Maria e José, está Iavé, como lemos no poema anterior, o 24, que transcrevo na íntegra:

A narradora olha o tempo que está caindo às
Águas em fragmentos. Cada presença recordante
Oscila nelas a caminho. Seu sonho é uma escrita
Nomeante que adiante. “Nada de seguro”, se assim
Quiser chamar-se o Tempo. Se tivesse sido ela a
Redigir o Génesis, em vez dos padres de Jerusalém,
Teria prestado a Iavé um outro impulso para a
Criação. “E Iavé disse ao homem: ‘Tirei-te do barro,
Dotei-te de escrita abundante e de palavra rara.’” (OCLP, 24)

O relato da criação coube aos “padres de Jerusalém”, tradição patriarcal e cheia de morte e sangue. “A narradora” que “olha o tempo” e nele não vê qualquer segurança é a mesma que transforma a insegurança em instabilidade – quero dizer que entendo o “Nada de seguro” como a negação de uma segurança que poderia ser dita como *segurança*, ou seja, algo que prende, o contrário, pois, da liberdade, e a liberdade é um dos grandes desejos da obra llansoliana. A segurança está para o equilíbrio, talvez, como a insegurança para o desequilíbrio. Ou: o nada só aparece como dom, no livro do Gênesis, quando aparece o dom, o primeiro: o fruto do conhecimento. Em Llansol, o fruto da escrita.

Vou arrumar: antes do fruto, não havia desejo, havia uma espécie de tudo. Aí apareceu a serpente, que não tinha a oferecer nenhum acréscimo ao tudo, e ofereceu apenas o conhecer – que, ao contrário de ampliar o tudo, desconstruiu-o, tornou-o impossível. O texto 24 de *O começo de um livro é precioso*, no qual é desejado um Gênesis dito pela “narradora que olha o tempo”, gosto de lê-lo ao lado de um poema da escritora mineira Adriane Garcia, intitulado “Eva-proto-poeta”, da recente recolha de mesmo título:

Já havia luz
E já havia treva
Mas não havia
Abismo

A primeira palavra de
Eva
(2020, p. 48)

A primeira palavra de Eva, assim, recebe o estatuto de primordialidade, ainda que a primeira palavra já tivesse sido dita – e ainda que já uma Lilith triunfante, tão triunfante que ocultada, tenha vindo antes. O

Gênesis segundo Eva é “Abismo”, escreve Adriane Garcia, e esta é uma Eva na proto-história da poesia, ou seja, cheia de “escrita abundante e de palavra rara”, lançando a voz que primeiro abisma tudo. Não quero dizer que a narradora do texto de Llansol seja Eva – pode ser Eva, pode ser Lilith, pode ser Llansol, mas pode ser, sobretudo, alguma coisa que não caiba apenas em Eva, Lilith ou Llansol, que passe por elas, mas crie uma impessoalidade, um comum, um excesso. Alguma coisa, portanto, em abismo, em desequilíbrio. E o desequilíbrio está para a insegurança como a segurança para o equilíbrio.

Isso tem a ver com escrita, como afirma Rosa Maria Martelo: “Em poesia, o equilíbrio sempre acontece em tensão com o desequilíbrio, devendo mesmo incorporá-lo, num jogo partilhado” (2007, p. 133). Mais adiante, escreve a ensaísta que o “trânsito” entre equilíbrio e desequilíbrio “pode ser entendido como expressão do desejo de suprimir a falha que separa as palavras e as coisas, falha essa que estamos dispostos a aceitar quando falamos, mas que a poesia tentaria superar” (2007, p. 139). Se Iavé, um deus, cercado de outros deuses, que desejava o monoteísmo, tivesse sofrido o impulso da “narradora”, a Criação teria sido outra, coisa que a Eva de Adriana Garcia sabe muito bem. E essa Criação outra é abismal e insegura, decerto, mas apenas no sentido da experiência da vertigem e do movimento – insegura como o que não se deixa prender.

Por outro lado, é perfeitamente segura em sua firmeza e em sua capacidade de partilha, é um tipo de segurança que Martinho da Vila expressou numa canção: “Segure tudo que for conquistado/ Segure tudo que não for demais/ Segure o braço do seu namorado/ Segure a menina, rapaz”. A poesia, a escrita, tenta vencer a distância das palavras às coisas, e isso porque ela segura a palavra naquilo que esta tem de mais concreto, de mais coisa, mais ou menos como uma amada segura “o braço do seu namorado”, ou como Hadewijch segura o (seu) tempo de Deus, um tempo que não para, que “está caindo às/ Águas em fragmentos”. Há a construção do comum em todo esse desequilíbrio.

“O ódio”, já sabemos, é “impotência”. Seu contrário, o amor e o prazer (ambos, juntos), produtores de alegria, são plena potência. “Produzir desejo é a única vocação do signo, em todos os sentidos em que isso se maquina” (2011, p. 59), escreveram Deleuze e Guattari. Mesmo Deus, para Spinoza, plena potência que é, tem sua ação no mundo excluída, ou seja, acrescenta ao real um desejante e desejoso nada. Spinoza dirá, ao contrário de uma tradição que a entende como nobre, que a melancolia enfraquece nossa potência de ação. É a melancolia que comparece à entrada de 20 de julho de 1994 do Diário III de Llansol, *Inquérito às quatro confidências*:

_____ nada é mais rápido do que a melancolia; é traiçoeira no ataque, inopinadamente ressurgue diante dos olhos, e o turbilhão é tal que se extingue sem linhas precisas. O facto principal, determinante, é que a nossa forma, a forma com que somos receptivos ou agimos, é um corpo, todo o afecto nasce, perdura e se extingue nessa forma; a separação física dos corpos pode ser, por vezes, o facto mais notável (...).

Mas, quando escrevo, sinto as partes na mão (sobretudo, o *sexo que lê*) e a nostalgia que, afinal, também é ausência de poder _____ desfaz-se e abre-se a cena inconsútil, apesar de interrupta, da nossa conversa. (2011b, p. 21)

Vivemos tempos tristes. Jamais a linguagem foi tão violentada, reduzida, secundarizada pela espetacularização das imagens. Vivemos tempos totalitários, que assumem diversos graus e avatares, desde lideranças infames e assassinas, do Oriente de Modi e Erdoğan ao Ocidente de Bolsonaro e Trump, até ditaduras menos administrativas, como a redução de (quase) tudo à condição de mercadoria – inclusive nosso olhar, mais domesticado que nunca, e nosso tempo, menos nosso que nunca. Por essas e outras (uma pandemia mundial, inclusive), temos sentido muito pouco entusiasmo histórico. Leio com atenção o que escreve, Espinosa incluso, Ana Luísa Amaral: “As ditaduras, os regimes totalitários, instalam-se através da disseminação da tristeza – como se fosse necessário deprimir para oprimir. Não é assim com a alegria, que, como sabia Espinosa,³ expande pensamento e emoção” (AMARAL, 2019, p. 117).

A “melancolia” consegue ser tão rápida porque existe um rastilho na “disseminação” de uma tristeza desesperançada, cujo fito é levar-nos a uma espécie de acédia. Fico pensando no enfraquecimento da escrita, travestido de democratização, e no cultivo da melancolia neste momento histórico – ao mesmo tempo em que penso num deslocamento de desejo que se desembaraça de potências muito escriturais, por assim dizer, do signo. Explico-me: escreve-se muito pouco hoje em dia, inclusive pelo império das imagens e da reprodução do mesmo. Uma palavra fundamental em Llansol está no subtítulo de seu *Lisboaleipzig 1*: “inesperado”. “Produzir desejo é a única vocação do signo”, escreveu a dupla de franceses, e, posso dizer, entre os dois e a portuguesa, que o signo só responde à sua vocação se produz o inesperado – ou o “diverso”, outra palavra do mesmo subtítulo llansoliano. Escrever tão pouco, ainda mais num mundo em que se publica tanto, em que se “posta” tanto, é um convite à produção do igual, não do coincidente, mas do igual – é que coincidente me faz lembrar de uma importantíssima passagem do Diário I, *Um falcão no punho*, que tem como título “A escrita como busca de verdade”, pertencente à entrada de 3 de junho de 1983:

Não sou portadora de uma verdade porque a verdade não pode ser transportada, mas sofro o impulso de formular perguntas à verdade que vejo como ajuste. Os seres têm um sentimento final de que há um lugar onde chegarão à sua coincidência.

Para cada um, a sua.

Dizer qual é, é um dado suspenso. A verdade como matéria é-nos inacessível mas todos caminhamos pela “forma” para esse ponto atractivo. Não há quem não caminhe. (2011a, p. 120)

Suspeito que a diferença entre coincidente e igual tem muito de espacialidade. Vejamos: se existe um *dois* que se igualiza, torna-se *um*, e passa a ocupar um único lugar no espaço. Nesse caso, o diverso, a diferença, o começo do múltiplo (o dois, quando se abre ao desejo, tem talento para se

multiplicar), é interdito. O múltiplo, em certa história, platônica, do Ocidente, assusta, inclusive porque a verdade sempre foi mais bem casada com diferentes versões do Um. É em lugar muito distinto que a poesia se situa, o que sabemos desde *A República*: se os “seres” “chegarão à sua coincidência” (“cada um” na “sua”), eles incidirão, nalgum lugar, juntos, co-incidentes. Então, corro o risco de supor que a verdade, para Llansol, não tem mesmo nada a ver com transporte, tampouco com uma ideia descorporizada, mas com coincidir, agir em parceria sobre um lugar, e é nesse sentido que certa noção de justiça, palavra-irmã de verdade, pode ser operativa: no ajuste, palavra cuja etimologia é a mesma de justiça, mas que não possui o peso daquela – a justiça, ainda mais dentro do Direito, encarcera, julga, avalia, enquanto o ajuste conserta mas também concerta. Logo, não nos cabe dizer qual é a verdade, posto que o “dado” é “suspenso”, mas, “como a matéria simples busca a forma” (Camões, 2005, p. 126), “caminhamos” numa estrada inevitavelmente cheia de metafísica, mas onde o caminhar vale mais que a chegada.⁴

Os tempos que correm praticamente bloquearam a possibilidade de se dizer a verdade, e tentam, inclusive, enfraquecer as possibilidades de dizermos da verdade, mais ainda se ela entreabrir entradas, exibir facetas diversas. Escreve Giselle Beiguelman: “Conforme avança a plataformização da vida, há menos possibilidades de aposta em deparar-se com o inusitado. O enredamento, em sistemas cada vez mais aderentes a todas as nuances do cotidiano, torna a vida sem dúvida mais ágil, mas com poucas chances de encontro com o inesperado” (2021, p. 182). O que a ensaísta chama de “enredamento” é o exato oposto do que Llansol entende como coincidência. O enredamento é a transformação de nossas vidas numa experiência em rede, mas uma rede que não exatamente nos conecta, e sim nos expropria, além de banalizar as práticas nas quais investimos nosso cotidiano.

O inusitado, para Llansol, gera-se na escrita. A obra llansoliana é um constructo em movimento (“Não há quem não caminhe”) rumo à alegria, um afeto potente, corpóreo, inovador; recito: “O facto principal, determinante, é que a nossa forma, a forma com que somos receptivos ou agimos, é um corpo, todo o afecto nasce, perdura e se extingue nessa forma”. Quando topamos com o igual, não existe coincidência, pois uma semelhança que não apresente nada de estranho não cria zonas surpreendentes. Penso em outra característica de nosso tempo que uma escrita como a de Llansol desmonta: o inevitabilismo. Segundo Shoshana Zuboff, a “retórica da inevitabilidade é uma fraude astuta projetada para nos tornar indefesos e passivos diante de forças implacáveis que são e sempre devem ser indiferentes ao que é meramente humano” (2020, p. 260). Diz-se que muita coisa é inevitável – obedecer às leis do mercado, assistir a shows de realidade de grande audiência, torcer por um time de futebol, usar mídias sociais, conferir o WhatsApp a cada dez minutos... Numa época com pouca escrita, muita tecnologia e muitos projetos de ditadores, a violência oscila entre assumir-se como tal, o que se exemplifica em bordões como “É melhor Jair se acostumando” ou “Aceita que dói menos” (insinuações evidentes de estupro), e conquistar o desejo do coletivo, fazendo-nos sentir gratidão por quem nos explora.

Contra isso, a escrita. Antes: escrevo “contra” ecoando o que escreveu Tatiana Pequeno, que grifou a preposição: “É possível que Llansol escreva *contra* os poderes totalitários que conhecemos (eu, vocês legentes, o mundo) e isso abarca desde o universo acadêmico da recepção de seus livros até a escrita da História, esta mesma com as maiúsculas” (2012, p. 91). Agora sim, cito de novo: “Mas, quando escrevo, sinto as partes na mão (sobretudo, *o sexo que lê*) e a nostalgia que, afinal, também é ausência de poder _____ desfaz-se e abre-se a cena inconsútil, apesar de interrupta, da nossa conversa”. Em Llansol, superar a nostalgia é assumir uma força de criar tempo e temporalidades, inventar sobretudo tempos propícios à superação do inevitável. Escreve-se num “quando”, tempo potente cujo *nóstos* não se volta para um passado, mas se dobra sobre um si altamente corporificado, portanto presente, “e abre-se a cena inconsútil, apesar de interrupta, da nossa conversa”. Todo o afeto na corporalidade da “cena”, com o eco teatral que essa palavra apresenta, como indica Suelen Silva: “A experiência do percurso de legência do texto llansoliano teria, por sua vez, uma semelhança talvez íntima com a experiência do momento presente no teatro, com toda a perspectiva da suspensão do espaço-tempo” (2021, p. 32).

Então, a cena da escrita, tão presente nos textos de Llansol, pode se encontrar com a cena da recepção, a cena da leitura, corporal como a primeira e como a teatral. Penso nos cantores de leitura: “Afinal, os cantores de leitura e seus teatrais dançarinos representavam também numa cena sobre o sofrimento do desequilíbrio, e a recuperação da alegria num instante do tempo e num ponto do espaço.” (2007, p. 266). Já falamos, com Rosa Martelo, de desequilíbrio e equilíbrio. Agora, luz a alegria, que se recupera, em cena, “com toda a perspectiva da suspensão do espaço-tempo”, “num instante do tempo e num ponto do espaço”. É preciso parar com cuidado aqui. Suelen Silva refere-se à “suspensão do espaço-tempo”, e Llansol situa sua alegria dentro do tempo e do espaço. Contradição? Pelo contrário: explica-nos a estudiosa que, em “um texto cujos movimentos desestabilizam a ordem temporal, o tempo presente se configuraria como aquele que pode propiciar a suspensão da cronologia cotidiana para que se desvele uma multiplicidade criadora no espaço” (2021, p. 77).

Ou seja, o tempo llansoliano é um presente em que a ordem temporal se desestabiliza, em nome, sem dúvida, de uma continuidade, mas muito distinta da impossibilidade contemporânea do intervalo. Um dos traços do capitalismo pós-industrial é a publicitária morte do intervalo e o sequestro do tempo e do não-tempo. Evidência disso, entre muitas, é a antecipação do futuro em discursos de insuflamento do consumo – muito antes da Páscoa, já é Páscoa, do Natal, já é Natal etc., e, claro, a Páscoa e o Natal também se consomem, e nada da radical experiência da pobreza da manjedoura ou da funda tristeza da Sexta-Feira da Paixão. O capitalismo pós-industrial se fez capitalismo da infoesfera, e, agora, o intervalo torna-se simplesmente impensável: a aliança entre mídias sociais e smartphones com câmeras e acesso à internet faz com que nenhuma vivência seja vivível

sem que seja divulgada online enquanto é vivida. Não mais a troca do olhar pela fotografia turística cuja esperada revelação causava a melancólica (e, no fundo, primeira) visada do que fora fotografado, mas a troca do olhar pela fotografia turística que não se espera, nem revela mais o que quer que seja.

O texto de Llansol é uma festa do intervalo e da intensidade, do entre-tempo e do tempo forte, não porque supere o tempo, mas porque, suspendendo-o, funda o presente e o que Suelen Silva chama de “multiplicidade criadora no espaço”. Nesse aspecto, é muito musical, pois a música é um tipo de narrativa cujas intensidades convivem com silêncios, ou melhor, narrativa em que o silêncio é, ele mesmo, fulgurante. Há um título llansoliano muito especial, escrito após o grande companheiro da escritora, Augusto Joaquim, ter deixado a vida: *Amigo e Amiga – curso de silêncio de 2004*. Esse livro é um tratado sobre a dor e a cura, num sentido, suponho, nietzschiano – ocorre-me a famosa frase do filósofo-dinamite: “Em verdade, um lugar de cura ainda deverá tornar-se a terra” (1998, p. 234). Nesse livro, o silêncio é uma ascese e uma aprendizagem, um curso, no sentido educativo, e um curso, no sentido do fluxo: “Alcançamos, seguindo uma via de silêncio mútuo, o cimo de uma/ ladeira onde, além de podermos ver, debruçados numa ponte,/ as linhas férreas por onde seguiam andorinhas,/ vislumbrávamos as linhas curvas da paisagem que ensinam os olhos/ e libertam, sem palavras,/ os soluços da garganta.” (2006, p. 79). A terra, liberta das violências utilitárias e capitalistas que sofre, é o lugar da cura, e o silêncio, modo de estar na linguagem, dribla, à sua maneira, a verborragia que marca as falas sem qualquer intensidade. Muito antes, no já indicado *Lisboaleipzig 1*, o silêncio é companhia privilegiada do belo:

_____ O encontro inesperado do diverso
é assistir o belo a comunicar com o silêncio;
a fraccionar a imagem nas suas diversas formas;
ajudá-las a levantar o véu para que se mostrem
mutuamente na beleza própria, e fechar os olhos para que
se não rompa a *delicada tela desta vida* (...)

o belo é o encontro inesperado do diverso.
(1994, p. 135)

Acabo de me referir a fluxo e a véu: penso em Heráclito, segundo quem a *alétheia* se mostra e esconde, num jogo de velamento e desvelamento. Não me sabe disparatado associar, em Llansol, beleza a verdade, e a verdade, já vimos, é uma tarefa da escrita e resulta na coincidência – agora *Lisboaleipzig* me faz juntar à coincidência a comunicação, precisamente entre beleza e silêncio. Tampouco me sabe disparatado construir um sintagma contraditório apenas na aparência: o belo, “encontro inesperado do diverso”, tem a ver com silenciar a verdade, e estou usando “silenciar” como modo de dizer – e aqui reside a contradição apenas aparente. Ressalto, só para efeitos de clareza: esse silenciar a verdade não é calar a verdade, mas dizê-la com o silêncio. Se

o verbo dizer não couber, substituo-o por “elaborar”, “formular”, “construir” ... Heráclito, pois: “o encontro inesperado do diverso”, da *alétheia* na *physis*, se dá silenciosamente, assim como em silêncio os deuses ocupam o mundo.⁵

Uma verdade dita com o silêncio é uma verdade textual, inclusive porque o silêncio não está sozinho em cena – acompanha-o o belo, segue-se-lhe a verdade. Nesta nossa época, o silêncio exige-nos que o conquistemos, e essa conquista, julgo, é política. A demanda de se “ter aquela velha opinião formada sobre tudo”, que exasperou o Raul Seixas de “Metamorfose ambulante”, ganhou contornos descabelados, prisionais. Cada fato, cada fala, cada postura que cause quase qualquer efeito é imediatamente ripostada, ou apoiada, com entusiasmo bélico e maniqueísta. Não se faz mais silêncio, já que o mundo das mídias sociais não o permite. A vivência de si como metamorfose, desejo do artista baiano, não tem mais lugar, pois a autoconstrução que esse tempo nos permite é, além verborrágica, moralista. Raul quis superar a impermeabilidade à diferença, sem sequer suspeitar que, poucas décadas após sua canção, viveríamos uma exigência de falas pequenas, mesquinhas, que criam sobretudo a indiferença. É por isso que aprender com silêncios como o llansoliano nos ajuda a viver, enfrentar, uma era em que o falatório se torna insuportável, tornando-nos insuportáveis também. Essa era, sabemos, é cheia das pós-verdades, ou melhor, cheia do que já reecemos chamar, simplesmente, de mentiras.

O silêncio e a fala, pois, em Llansol, também se relacionam numa dinâmica de equilíbrio e desequilíbrio, na criação do texto como um corpo em movimento na direção de alegria. Mais ou menos assim entendo os Evangelhos: engenhos produtores de sentido, expansivos e escorregadios, cujo paroxismo do contentamento é a ceia, em Lucas, que tem lugar dias após a ressurreição de Jesus. O Antigo Testamento, apesar do vigor de muitos de seus momentos, é carregado por um deus, como já escrevi pensando no 24 de *O começo de um livro é precioso*, que deseja o fim de outras divindades. Já os Evangelhos do Novo Testamento, não obstante seu monoteísmo, centram-se numa personagem humana, Jesus, do nascimento à ressurreição. Não existe, portanto, uma religião que insufla o movimento de Jesus, tampouco a pena dos evangelistas – a palavra cristianismo só surgirá depois, com Paulo.

Não penso na plasticidade dos Evangelhos porque a escrita de Llansol seja cristã, pois não o é. Mas, para além da já citada afinidade da autora com certas leituras medievais de Cristo, há uma sequência em *O começo de um livro é precioso* que tem a pujança de uma verdade permeável, delicada, quase silenciosa. Refiro-me a três poemas do livro: o 33, o 66 e o 99. Se é excessivo pensar numa aritmosofia em sentido estrito, não é exagero pensar na relação da obra llansoliana com o número – exemplo disso são os diários, que, além de ter números nos subtítulos, são recheados dos números que evidenciam as datas. Começo a última fase deste texto citando o 33:

_____ e espalhou-se um tesouro
Vegetal num lugar até então habitado
Exclusivamente por minerais. Seres simples,
Sentiram-se mal com a intromissão dessa
Discrepância e intuíram que o melhor processo

De travar a contaminação seria extrair
Do lugar aquela nuvem vegetal. Ou, então, textuar.
Melhor dizendo, textualizar tal ocorrência.
Uma decisão simples que, não impedindo a
Contaminação, a tornaria não catastrófica. Só
Ocorridos muitos milhões de anos se chamou
A esse facto Evolução afirmativa.
(OCLP, 33)

A opção que os minerais encontram para experimentar seu desconforto com a chegada dos vegetais, um tesouro, é extrai-los, quer dizer, lidar com o desconhecido exterminando-o. “Ou, então, textuar./ Melhor dizendo, textualizar tal ocorrência”. Na autora do “sexo que lê”, textuar me lembra *sexuar*,⁶ vocábulo que indica, mais que a prática do ato sexual, ainda que também o faça, a atribuição do sexo a um corpo; assim, textuar pode ser atribuir texto a uma relação. Já sexualizar é fornecer aspecto sexual a alguém ou algo, e pode ser quase sinônimo de excitar. Então, textualizar se aproxima de excitar a relação já textuada, ou seja, “textualizar tal ocorrência”. Portanto, é agora textual (e, insisto, de caráter bastante sexual) a relação entre minerais e vegetais, o que propicia uma “Evolução afirmativa”. Daqui a pouco reflito sobre essa construção.

Antes, os números. O 3 se associa ao cristianismo em virtude das três pessoas da Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo. Ainda que a hipótese não se sustente historicamente, a cultura fixou a idade de 33 anos como a que Jesus tinha quando foi crucificado. O problema é que algo desconcerta o concerto ternário, e é, coincidentemente, seu dobro, o 6, em virtude do que diz o Apocalipse: “Aqui está a sabedoria: o que tem entendimento que decifre o número da besta, pois é um número de homem e o seu número é seiscentos e sessenta e seis” (Ap 13: 18). Não importa muito o que João de Patmos tinha em mente com esse número; provavelmente o imperador Nero, pois, como é possível converter em número as letras dos alfabetos grego e hebraico, 666 corresponde às palavras hebraicas “Nero César” – quem nos informa é Frederico Lourenço (2017, p. 583), em nota de pé de página à sua edição do texto apocalíptico. Mas, de fato, o que importa é a herança que o texto lega à cultura ocidental, dando à Besta, conseqüentemente ao Mal, um número.

Em *O começo de um livro é precioso*, os textos que se ecoam baseiam-se nos algarismos 3, 6 e 9, uma progressão aritmética. Minha hipótese de lê-los com o Apocalipse é mesmo apenas uma hipótese, pois o três, e, por isso, seis e nove, seus múltiplos, têm diversas outras significações na cultura – a Imperatriz do tarô, por exemplo, ou Cérbero com suas três cabeças. Como é o número seguinte ao dois, o três também indica desdobramento, ou o resultado de um processo dialético. Mas por que privilegio o Novo Testamento nesta leitura? Além do que já indiquei acerca da relação de Llansol com o cristianismo, por outros dois motivos: o poema 24 e a possibilidade

de superação da dicotomia que separa bem de mal. Essa última razão me interessa sobremaneira. Minha hipótese é que bem e mal dependem de pontos de vista e potência de encontros – e, nesse caso, a alegria é realmente a prova dos nove. Para os minerais, o vegetal não pode representar um bem, em virtude de sua diferença, alteração e novidade. Logo, existe certo diabolismo no vegetal, e diabo é coisa que se extrai – não se perca de vista a quantidade de exorcismos que Jesus praticou. No entanto, o texto possibilita o encontro, a textualização, e a catástrofe muda de direção – estou pensando na etimologia do vocábulo, que designa uma mudança de destino, seja para pior, seja para melhor. Passam, minerais e vegetais, a experimentar uma catástrofe (mudança) não catastrófica (não funesta), logo plena da alegria.

Volto por um segundo ao poema 24. A narradora escreveria um Gênesis que doasse às pessoas, nós, “escrita abundante e” “palavra rara”. Mas lavé talvez não pudesse fazer igual, pois ele cria a partir de ter sido criado, e, em sua criação (como criador e criatura de uma cultura e de um tempo), se viu demasiadamente voltado para um tudo – no momento em que Eva se deu a uma interlocução, o tudo fez-se degredo: nenhuma dobra, nada de texto. O corpo do texto llansoliano tem um feminino como fundação precisamente para não cair numa tentativa normativa, e a normatividade, em nossa cultura, é masculina, masculinista, machista e patriarcal. A abundância de escrita, se volto aos poemas 33, 66 e 99, mostra-se numa diferença mínima entre os textos – onde, no 33, se lia “tesouro/ Vegetal”, no 66 lê-se “tesouro/ Animal”, e o jogo que se dá entre minerais e vegetais, num, noutro é entre vegetais e animais. Mas é o poema 99 que completa a “Evolução afirmativa”: “e espalhou-se um tesouro/ De línguas num lugar até então habitado/ Exclusivamente por animais” (OCLP, 99).

Logo, como se narrado pela narradora do 34, o 99 recebe “um tesouro/ de línguas”, o que enche o espaço já mineral, vegetal e animal. Nesse universo, a língua é, ao mesmo tempo, um organismo tão vegetal como os vegetais, mineral como os minerais e animal como os animais. Por outro lado, é a língua entesourada que cria o três, ou seja, o terceiro texto, o que permite a superação da dicotomia: não apenas o convívio entre vegetais e minerais, e entre animais e vegetais, mas o convívio de tudo com a língua, a possibilidade de textuar (sexuar?) e textualizar (sexualizar?) o lugar do texto (aliás, “lugar” é palavra presente nos três poemas). Ultrapassar a dicotomia, nesse caso, é se desprender do mero bem que o 3 sugere, e também do mal satânico que ronda o 6, pondo bem e mal para conversar, em nome da “Evolução afirmativa”.

E como entendo a “Evolução afirmativa”? Antes de mais, como o processo que permite bem e mal se entenderem, o primeiro perdendo um bocado de seu aspecto coercitivo, o segundo um tanto de seu caráter deletério – e situando-se, ambos, além do bem e do mal, como escreveu aquele filósofo. Nossos olhos iluministas, quase positivistas, recebem a palavra “evo-

lução” como quase sinônimo de progresso; não: evolução é transformação e processo, encadeamento narrativo – por isso, um dos quesitos avaliados nos desfiles das escolas de samba no carnaval é precisamente a evolução, o contar o enredo, a narração apresentada por música, imagens e corpos. Penso de novo em Kairós, não em Cronos, pois o final dos três poemas diz: “(...) Só/ Ocorridos muitos milhões de anos se chamou/ A esse facto Evolução afirmativa.” É claro que esses milhões de anos não se contam cronologicamente, assim como os 365 dias do ano que é *O começo de um livro é precioso* (o que faz do livro, a propósito, o Diário IV) são muito mais que os 365 dias de um ano. Os “muitos milhões de anos” exigidos para se chamar à convivência de “Evolução afirmativa” é um tempo de intensidades, cujo paroxismo é o próprio gesto de chamá-lo – “(...) se chamou/ A esse facto (...)”.

Todo este ensaio girou em torno da construção, em texto, do que chamou potência da alegria em Maria Gabriela Llansol. Essa força movimenta a transformação de instantes do mundo, o que significa dizer que seu tempo movimenta o tempo dos momentos em que alguma coisa fulgurante é feita acontecer: “E dei comigo a pensar que muitos eram os que continuavam a crer que, com um pouco de habilidade e inteligência, seria possível conceber uma estratégia de transformação do mundo, voltar a colori-lo por instantes, torná-lo encantado com algumas probabilidades de êxito”. (LLANSOL, 2002, p. 31). Trata-se, pois, de um projeto, político, certamente, mas profundamente liberto das muitas amarras que, por vezes, limitam a política – a ideologia é apenas uma delas. Esse projeto, kairótico e metamórfico, é uma profissão de fé na escrita, não uma escrita na qual simplesmente acreditemos, mas uma que se faça, não forma, nem matéria, mas o próprio ato de fé em sua produção do diverso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ana Luísa. Desconstruindo identidades: ler *Novas cartas portuguesas* à luz da teoria *queer*. In. *Arder a palavra e outros incêndios*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 99-122.

BEIGUELMAN, Giselle. *Vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu, 2021.

Bíblia – Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CAMÕES, Luís de. *Rimas*. Ed. Álvaro J. da Costa Pimpão. Coimbra: Almedina, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo* – capitalismo e esquizofrenia I. 2. ed. Trad. Luiz B. Orlandi. São Paulo: 34, 2011.

ESPOSITO, Roberto. *Dois* – a máquina da teologia política e o lugar do pensamento. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

GARCIA, Adriane. *Eva-proto-poeta*. Nova Lima/ MG: Caos e Letras, 2020.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 1 – o encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994.

_____. *O senhor de Herbais*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

_____. *O começo de um livro é precioso*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

_____. *Amigo e Amiga – curso de silêncio de 2004*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

_____. *Os cantores de leitura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

_____. *Um falcão no punho – Diário I*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011a.

_____. *Finita – Diário II*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011b.

_____. *Inquérito às quatro confidências – Diário III*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011c.

MARTELO, Rosa Maria. Algumas notas sobre poesia e (des)equilíbrios. *Telhados de vidro* nº8, Lisboa, Averno, 2007. p. 131-140.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

PEQUENO, Tatiana. Casas políticas, lugares do mundo. In: WILTSHIRE DE OLIVEIRA, Maria Lúcia (Org.). *Um nome de fulgor – Maria Gabriela Llansol (1931-2008)*. Niterói/ RJ: Editora da UFF, 2012. p. 85-92.

SILVA, Suelen. *Cem um tempo que nos caiba: por uma poética do suspenso em Onde vais, drama-poesia?* Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos de Literatura/ UFF, 2021.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância – a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Trad. George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

*Recebido para avaliação em 30/11/2021
Aprovado para publicação em 04/01/2022*

NOTAS

1 Professor de Literatura Portuguesa da UFF e bolsista em Produtividade em Pesquisa do CNPq. Como ensaísta, publicou, entre outros, *Do mundo de Herberto Helder* (Oficina Raquel, 2017) e *Despejo quieto* (EdUFF, 2015), além de ter coorganizado diversos volumes. Na poesia, escreveu títulos como *Telefunken* (Deriva, 2009), *Signos de Camões* (Companhia das Ilhas, 2012) e *40* (Guilhotina, 2015). Pelo conjunto da obra, recebeu, em 2013, o prêmio Icatu de Artes – Literatura.

2 Este livro não indica páginas, mas numera os poemas. Por isso, essa é a mais adequada maneira de referir seus textos.

3 Grafo Spinoza porque assim o faz Llansol. Como Ana Luísa Amaral escreve Espinosa, fiz, no umbral de citá-la, como a poeta e ensaísta.

4 Penso que Llansol, no fragmento, recorre à aristotélica noção de “matéria” e “forma”, mas inverte sua semântica.

5 Estou pensando, claro, no famoso fragmento atribuído a Tales de Mileto, “o mundo está cheio de deuses”, que, inclusive, foi adotado pelo llansoliano João Barrento para nomear uma recolha de ensaios. Penso também numa anedota ligada a Heráclito. Sabendo que em Éfeso havia um homem muito sábio, alguns moradores foram vê-lo. Ao chegarem à casa do pensador, viram um indivíduo de aparência a todos os títulos comum, ao pé de uma fogueira, num momento de plena banalidade. Decepcionados, começaram a partir; Heráclito, então, lhes disse: “Esperem: há aqui também deuses”.

6 Sexuar entrou em meu idioleto por causa de Dioniso, meu filho mais novo, que usa o verbo com muito à vontade para se referir ao ato sexual.